

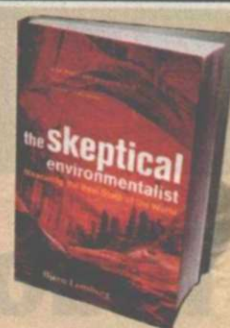
Ambiente

O verde do Brasil

Pela primeira vez em anos o país aparece bem colocado no ranking de preservação ambiental

Amauri Segalla

Pela primeira vez após muitos anos, dois estudos internacionais reservaram elogios ao Brasil na área ambiental. O mais recente foi divulgado na semana passada por um grupo de especialistas das universidades Yale e Colúmbia, nos Estados Unidos. A pesquisa mediu o grau de preocupação de 142 nações com a preservação da natureza. Cada uma recebeu uma nota de 0 a 100, resultado do cruzamento de vinte indicadores avaliados, como qualidade do ar, biodiversidade local e investimentos do governo no setor. Com um total de 59,6 pontos, o Brasil ficou em vigésimo lugar no ranking ecológico. Nessa posição, situou-se próximo ao grupo de elite encabeçado pela Finlândia. E, mais surpreendente ainda, à frente de uma série de países desenvolvidos, como Estados Unidos, Holanda, Espanha e Itália. O outro trabalho científico que não reserva ao Brasil o costumeiro papel de vilão do meio ambiente é o livro *The Skeptical Environmentalist* (O Ambientalista Cético, em português), do estatístico dinamarquês Bjorn Lomborg. Nos trechos dedicados às florestas tropicais, o autor diz que o índice de 14% de devastação verificado até hoje na Amazônia brasileira não deveria ser tão criticado, pois representa pouco em relação ao que ocorreu em outras regiões. "Basta comparar esse índice com o registrado no Primeiro Mundo, onde devastamos quase metade de nossas florestas", lembra o autor a certa altura da obra. "Há indícios



"Há indícios consistentes de que ao menos 70% da área da Amazônia será preservada no futuro."

Bjorn Lomborg

consistentes de que ao menos 70% da área da Amazônia será preservada no futuro", completa ele.

A exemplo dos avanços demonstrados pelo país em setores como saúde e educação, os motivos que geraram elogios recentes ao Brasil na área de meio ambiente não podem ser creditados à iniciativa de apenas um governo. Eles são uma conquista de toda a sociedade e fazem parte de um processo de investimentos públicos e privados que começou na década de 90. Um dos marcos iniciais da virada foi a demarcação das áreas indígenas. Em seguida, as atenções voltaram-se para a Amazônia, que passou a ser monitorada por satélites para a identificação dos maiores focos de problemas. A situação ainda está muito longe de ser confortável, mas o ímpeto de destruição da floresta hoje é menor que o registrado nos anos 80.

Mais recentemente, empresas responsáveis por desastres ambientais passaram a ser punidas com rigor inédito. Algumas multas aplicadas nos últimos anos superaram a cifra de 50 milhões de reais. De acordo com Lomborg, avanços como esses raramente são reconhecidos nos discursos dos ambientalistas mais radicais. "Boa parte dos militantes só tem interesse em divulgar números ruins, pois isso faz com que a sociedade gaste mais dinheiro financiando ONGs dedicadas à causa", disse ele a VEJA.

Lomborg refuta, em seu livro, a visão apocalíptica, chamada por ele de "ladainha ambientalista", vaticinada durante anos por ecologistas radicais, segundo a qual o mundo vai de mal a pior, o meio ambiente vem sendo destruído de forma implacável e o fim dos recursos naturais está próximo. De acordo com o estatístico, esses ecologistas fa-

saiu do vermelho

Conclusões diferentes

No livro *The Skeptical Environmentalist* (O Ambientalista Cético), o estatístico dinamarquês Bjorn Lomborg desmente projeções catastrofistas sobre o futuro do planeta feitas por ecologistas radicais. O quadro mostra alguns exemplos

TEMA	A PREVISÃO DOS RADICAIS	AS CONTAS DE LOMBORG
Extinção de espécies	Nos próximos cinquenta anos, 25% das espécies estarão extintas	Apenas 0,7% das espécies estarão extintas
Aquecimento global	Em decorrência do efeito estufa, a temperatura da Terra subirá 6 graus Celsius no século XXI	A temperatura do planeta irá aumentar menos de 3 graus Celsius
Escassez de água	Em 25 anos, o estoque de água doce do planeta estará totalmente comprometido	Nunca haverá escassez de água

zem boa parte de suas previsões sombrias sem levar em conta investimentos efetuados pelo homem para deter o ritmo de destruição do planeta. Uma das análises mais interessantes realizadas por Lomborg é a que diz respeito ao aquecimento global. Segundo um dado corrente usado por cientistas, a temperatura mundial, mantido o atual ritmo de emissão de poluentes, irá subir 6 graus no decorrer do século XXI. Em vez de seguir a progressão matemática pura e simples, Lomborg cruzou outros números disponíveis. De acordo com ele, as fontes de energia renováveis, como a solar, estão caindo

de preço, em média, 60% por década. Se isso continuar acontecendo, elas serão mais baratas que os combustíveis antes da metade do século. Em oitenta anos, já terão substituído as fontes de energia atuais. Com a drástica redução de emissão de poluentes, conclui o dinamarquês, a temperatura irá subir muito menos que o previsto pelos ambientalistas.

A obra de Lomborg foi lançada no ano passado, mas a polêmica provocada por ela ganhou volume mais recentemente, quando pesquisadores respeitados publicaram artigos furiosos contra as idéias do estatístico. Em novem-

bro, a *Nature*, a mais respeitada revista científica do mundo, publicou uma matéria em que apontou possíveis furos na teoria do dinamarquês. No mês passado, foi a vez de a *Scientific American* dedicar onze páginas de ataques a Lomborg. O artigo é assinado por Stephen Schneider, professor de meio ambiente da prestigiada Universidade Stanford, nos Estados Unidos. "O cenário climático para o futuro ainda é muito incerto", afirma Schneider a certa altura do texto. "Para chegar a seu número, Lomborg consultou um único estudo publicado em 1989 e, mesmo assim, não parece ter lido a pesquisa completa."

Fora do meio acadêmico, as críticas são ainda mais furiosas. As principais ONGs ambientalistas divulgaram em seus sites textos em que acusam Lomborg de ser um polemista barato. Uma das afirmações mais recorrentes é a de que ele não tem estofo para discutir o assunto. Professor de estatística da Universidade de Aarhus, na Dinamarca, sua única experiência na área ambiental foi como ativista do Greenpeace durante quatro anos. A principal qualidade de seu trabalho, no entanto, é justamente o fato de ele não estar ligado a nenhum governo ou instituição. "Está na hora de analisar essas questões de forma menos apaixonada", pondera o estatístico. "Ainda existem problemas gravíssimos, é verdade, mas não devemos ter o sentimento de que está tudo perdido." ■

Ranking ecológico

Na semana passada, pesquisadores das universidades Yale e Colúmbia divulgaram novo índice para medir a preocupação de cada país com o meio ambiente. Batizado de índice de sustentabilidade ambiental, ele leva em conta vinte indicadores, como qualidade do ar, biodiversidade local e investimento dos governos em programas ecológicos. Observe a lista dos dez primeiros colocados e a posição do Brasil no ranking

Com esta pontuação, o Brasil está melhor que países como Dinamarca, Holanda, Espanha e Estados Unidos

	PAÍS	PONTOS
1º	Finlândia	73,7
2º	Noruega	72,8
3º	Suécia	72,2
4º	Canadá	70,4
5º	Suíça	68,2
6º	Uruguai	66,2
7º	Islândia	65,7
8º	Áustria	63,9
9º	Costa Rica	62,9
10º	Letônia	62,8
20º	BRASIL	59,6

Com reportagem de Natasha Madov